

Desemprego e crise do PT estimulam terceira via

Partidos têm até 3 de outubro próximo para fechar as novas filiações e definir candidatura alternativa à reeleição do presidente e ao PT

César Felício e
Sandra Nascimento
de Brasília e São Paulo

A perspectiva de deflação, fenômeno inédito em 55 anos de história brasileira, faz a discussão da "terceira via" parecer estéril. Não haveria terceira, segunda ou enésimas "vias" ao presidente Fernando Henrique Cardoso porque não há hoje projeto alternativo para o País que lhe tome a reeleição.

A lógica política, no entanto, é outra. A terceira via é o tema que ocupa as negociações de dez entre nove lideranças políticas do País. Conversa jogada fora? Não. O presidente é favoritíssimo, mas os 13 meses que faltam à eleição são tempo suficiente para agravarem-se problemas como o desemprego — principal fantasma deste governo. A segunda via, o PT de Luiz Inácio Lula da Silva, conseguiu perder Luiza Erundina, a filiada que ocupou o mais importante cargo executivo já conquistado pelo partido — a prefeitura de São Paulo —, e inviabiliza-se a cada dia com uma imagem de partido vocacionado para o poder.

A terceira via existe no vácuo entre as duas candidaturas. O mercado da política é a campanha eleitoral. É nas eleições que se jogam os interesses dos partidos e seus cacifes. E é a candidatura presidencial, em grande parte, que influencia no tamanho das bancadas partidárias. Candidato forte chama voto para governador, senador e deputado. A reeleição do presidente pode dar essa garantia, mas o barco está lotado e a plataforma de acesso é vigiada pelo PFL e PSDB. Não é à toa que o PMDB tem pelo menos três dos quatro candidatos da terceira via: os senadores José Sarney (AP) e Roberto Requião (PR) e o ex-presidente Itamar Franco que o partido insiste em filiar.

Emplacando politicamente, a terceira via tem o empecilho eleitoral. As pesquisas de opinião pública, no entanto, garantem que este não é intransponível. "O desemprego é considerado pela opinião pública o principal problema social do Brasil e há espaço para candidatos que canalizem essa insatisfação", diz a diretora do Ibope, Márcia Cavallari.

O surgimento de um terceiro nome contrapõe dois discursos: a candidatura, para vingar, precisa de uma base razoável ou, por outro lado, a base surgirá e será ampliada à medida que o candidato avance na campanha, já que terá de atrair insatisfeitos dos dois lados. Fernando Henrique tem, com a aliança PSDB-PFL, a maior bancada no Congresso, com cerca

Candidato deverá defender o Real e convencer que fará mais pelo social do que Fernando Henrique

quase 150 parlamentares. Pelo menos 25 governadores se declararam governistas, independentemente do partido. A exceção fica para o petista Christóvam Buarque, do Distrito Federal e Miguel Arraes de Pernambuco, do PSB que namora Ciro. O PT conta com os partidos de esquerda que, no Congresso, são pouco mais de cem parlamentares. Tem prefeituras importantes, como a de Belo Horizonte, com Célio de Castro, e outras tantas no Norte e Nordeste.

Independentemente do nome, a receita para o candidato ideal é simples na teoria, não tanto na prática: assumir a agenda do governo Fernando Henrique, com destaque para o Real e as reformas constitucionais, e convencer o eleitorado de que tem condições de avançar onde o presidente não avançou, dando ênfase à geração de emprego, saúde e melhor redistribuição de renda. "A necessidade de reformas é um consenso mundial. É o que está acontecendo na maioria dos países. O que se deve discutir não é fazer ou não, mas sim como fazer", disse a professora do departamento de Ciência Política da



Itamar Franco

Desta vez, parece que é verdade. Até lideranças de outros partidos e fora de seu círculo de amizades dão como certo que o ex-presidente Itamar Franco irá se filiar ao PMDB entre a última semana deste mês e os três primeiros dias de outubro, se habilitando para disputar as eleições de 98 e encerrando um período de cinco anos sem filiação partidária.

O que Itamar pretende, ninguém sabe. Pode ser o governo de Minas Gerais ou a presidência, mas o ex-presidente já chegou publicamente a se colocar como adversário de Fernando Henrique no próximo ano. Dentro do PSDB, a avaliação é que ele poderia reunir uma boa base de apoio para disputar o governo mineiro, dentro de uma aliança envolvendo PMDB, PFL e PSB.

As pesquisas de opinião colocam o ex-presidente no segundo turno local com o atual governador, Eduardo Azeredo, do PSDB. Para disputar no quadro nacional, ser o candidato do PMDB não basta. O ex-presidente tem divergências históricas com várias lideranças do partido, que dificilmente o apoiariam com entusiasmo se esta fosse a decisão dos convencionais do partido. Exemplos: Orestes Quêrcia, em São Paulo, e Jader Barbalho, no Pará. Para concretizar o sonho manifesto de voltar ao Palácio do Planalto, Itamar precisaria de uma ampla sustentação mineira e do apoio formal da esquerda não-petista.

Há algumas semanas, Itamar esteve em Minas conversando com tradicionais adversários, como os ex-governadores Hélio Garcia (PTB) e Newton Cardoso (PMDB) e o próprio Azeredo. Só ouviu evasivas. Fora de Minas, a reação é mais favorável. Partidos como PSB e PPS dificilmente apoiariam Sarney, mas poderiam fechar com Itamar.

A grande vantagem que a candidatura do ex-presidente traz é poder dar à esquerda a bandeira do plano real, já que foi Itamar quem o implantou, o que tiraria de Fernando Henrique a exclusividade para transformar a estabilização econômica em votos.

(César Felício)

Universidade de São Paulo, Maria Hermínia Tavares de Almeida. "A classe média brasileira está oprimida, precisa de um veículo para externar sua insatisfação", disse o

cientista político Roberto Mangabeira Unger.

No plano político, dois fatores estão colaborando para que surja um terceiro oponente: o PMDB não está encontrando uma forma de se incluir na aliança PFL-PSDB em torno do presidente e teme prejuízos eleitorais para os seus candidatos a governador. O partido quer disputar com chances em pelo menos quinze estados, e receia ficar sem o apoio do presidente às suas pretensões. Do outro lado do front, PSB e PPS estão cansados de ficar a reboque do PT na esquerda brasileira e aproveitam um momento de fragilidade do partido para se apresentar como alternativa eleitoral.

"O PMDB deverá ter candidato, seja ele Sarney, Itamar Franco ou Roberto Requião, para ter como defensor as suas candidaturas a governador e não ser engolido pelo PFL e PSDB", acredita, não sem prazer, o presidente nacional do PDT, Leonel Brizola. O raciocínio é compartilhado, parcialmente, pelo senador Renan Ca-



Roberto Requião

Segurando firme o leme de regador da CPI dos Precatórios, o senador Roberto Requião (PMDB-PR), 56 anos, conquistou a atenção da mídia ao longo dos oito meses que duraram as investigações da comissão e com isso a imagem de moralizador. Seu relatório final aponta irregularidades que envolvem o Banco Central, o mercado financeiro, os bancos privados, políticos da estatura do ex-prefeito paulistano Paulo Maluf e o próprio Senado.

No próprio PMDB, poucos levam a sério sua candidatura, mas todos admitem, pelo menos, que ele se tornou um nome fortalecido dentro do partido e de relevância nacional após conduzir as investigações da CPI. No último embate que teve com o partido, no entanto, perdeu. Queria antecipar a convenção nacional do PMDB para antes de 3 de outubro, numa tentativa de viabilizar sua candidatura.

Há muito tempo, Requião vem tentando construir uma fama de paladino da moralidade. Como governador do Paraná, eleito em 1990, tornou-se uma das vozes mais finas e perturbadoras de seu partido, abrindo espaço nos noticiários pela força das polêmicas em que se envolveu. Abriu uma guerra contra o próprio presidente do PMDB, o então todo-poderoso Orestes Quêrcia, a quem chamava de "tartaruga ninja negativo". Também foi autor de uma denúncia, em 1991, contra políticos ligados ao então presidente Fernando Collor de Mello, que estariam ameaçando extorquir-lo em troca da transferência a responsabilidade de uma obra — a construção de uma estrada — para a esfera do governo federal.

Requião conquistou seu primeiro mandato público em 1982, quando se tornou deputado estadual no Paraná. Três anos depois, elegeu-se prefeito de Curitiba. Assim que deixou a prefeitura foi convidado pelo então governador do estado, Alvaro Dias, para ser secretário do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, cargo que ocupou por poucos meses, antes de ser lançado pelo próprio Dias candidato ao governo, vencendo a eleição em 1990.

(Fábio Sanchez)

lheiros (PMDB-AL), membro da executiva nacional do partido. "Vamos ter que fazer um trabalho muito hábil para convencer as bases peemedebistas a examinar um apoio a Fernando Henrique. O sentimento predominante dentro do PMDB é por uma candidatura própria", afirmou.

Já a esquerda não-petista trabalha pelo nome do dissidente tucano Ciro Gomes, ex-governador do Ceará e ex-ministro da Fazenda. "É a única forma de se fazer um frente contra a hegemonia política atual. Se formos repetir 94 será a crônica de uma derrota anunciada", afirmou o presidente nacional do PPS, senador Roberto Freire (PE), que já selou para Ciro o apoio de seu partido, do PSB e do PV.

Freire sabe, contudo, que isto não é suficiente. "O problema do Ciro agora é somar forças. O nosso trunfo é que há um caldo de cultura para isto", disse. Para um personagem distante da esquerda, como o presidente nacional do PPB, senador Esperidião Amin (SC), Freire está certo. "A candidatura Ciro é viável. Ele mostraria para o eleitorado a perspectiva de se fazer algo diferente no governo, mantendo o compromisso com o Plano Real. Não digo que



Ciro Gomes

Aos 39 anos, Ciro Gomes conquistou uma invejável carreira pública e a fama de encenqueiro. A carreira começou em 1983, quando iniciou uma série de dois mandatos como deputado estadual pelo Ceará. Em 1989, conquistou a confiança de Tasso Jereissati, que cumpria sua primeira gestão de governador do estado, e foi lançado por ele candidato à prefeitura de Fortaleza. Conquistou o mandato e, dois anos depois, foi novamente lançado por Jereissati para a sua própria sucessão, tornando-se governador do estado em 1991.

A fama de encenqueiro se tornou nacional quando foi nomeado ministro da Fazenda por Itamar Franco, no final de 1994, com o dever de manter o Plano Real, cabo eleitoral do então candidato Fernando Henrique Cardoso. Em pleno ninho tucano, Ciro já exercitava disparos contra colegas. Criticou, por exemplo, o senador José Serra, a quem atribuiu a criação de "grande tensão" na equipe econômica, posicionando-se contra a sua indicação para o ministério do Planejamento, que Serra ocupou por pouco mais de um ano, antes de se tornar candidato à prefeitura de São Paulo, no ano passado.

Vitaminado pelo espaço que ocupa no noticiário como maior crítico de Fernando Henrique Cardoso sem sequer ter deixado o partido do presidente, Ciro está circulando com desenvoltura entre os partidos de esquerda. Dentro do próprio PT de Luís Inácio Lula da Silva há quem veja com simpatia a sua candidatura à presidência e tem mantido conversas sérias com o PSB.

Sua pregação por uma aliança de centro-esquerda que combata a candidatura à reeleição de Fernando Henrique Cardoso já lhe renderam, além da atenção de toda a cúpula tucana, que passou a lhe paparicar, a imagem de um político com posições firmes, situado na ponta de lança dos tucanos descontentes com a virada à direita que o partido deu ao se aliar com o PFL pela governabilidade da administração de FHC.

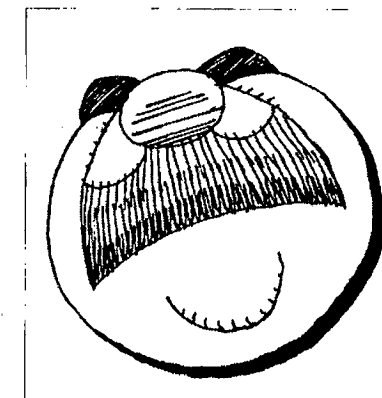
(Fábio Sanchez)

ganhe, digo que é uma candidatura competitiva", afirmou.

O elemento chave para a possibilidade Ciro decolar é o PDT de Leonel Brizola. Com o apoio do PDT, Ciro teria o mesmo espaço no horário eleitoral que o PT conseguiria. O cacique pedetista, contudo, mostra-se cético. "Espero que ele faça como Hernán Cortez, conquistador do México: queime os galeões para que seus soldados não tenham a possibilidade de retornar e fugir da batalha. Por enquanto ele é só um dissidente que não chegou ao ponto em que não é mais possível retor-

nar", afirmou.

Segundo Brizola, se Ciro "queimar os galeões", aí sim, poderia haver uma conversa com o PDT. Até que isto aconteça, de acordo com o ex-governador do Rio de Janeiro, "a nossa opção preferencial é por uma aliança com o PT". Não necessariamente em torno de Lula. "A sua candidatura, contudo,



José Sarney

Ex-presidente, com um bom potencial de votos no Nordeste, sólidas ligações políticas no PMDB, PFL e PSDB e disposição manifesta em se candidatar. O senador José Sarney (PMDB-AP) teria tudo para ser levado a sério como candidato a presidente, mas não é isto o que está acontecendo.

"É uma convicção íntima. Ele não é candidato e pronto", disse o senador Esperidião Amin (PPB-SC). "Não se observa consistência em sua disposição", afirmou uma liderança tucana. "Se nós, que somos correligionários dele, ficamos em dúvida sobre o que ele fala, imagina os outros?", indagou um senador peemedebista próximo ao ex-presidente.

O problema que Sarney está encontrando é a desconfiança que despertou até dentro de seu partido nos últimos meses. Na votação da emenda da reeleição, o ex-presidente cerrou fileiras junto com os senadores que decidiram trabalhar contra a aprovação do texto, como forma de pressionar o presidente Fernando Henrique Cardoso para garantir mais espaço ao PMDB na divisão de poder. Na hora decisiva, o senador teve um misterioso encontro com o presidente e sua base na Câmara votou em peso pela reeleição. Além disto, o fato de seus dois filhos com presença política, a governadora do Maranhão Roseana Sarney e o deputado Sarney Filho (MA) estarem no PFL nunca foi assimilado pelos peemedebistas. Desta maneira, somente o ex-governador paulista Orestes Quêrcia se dispôs, até agora, a fazer um lançamento público da candidatura presidencial de Sarney dentro do partido. As outras lideranças esperam pagar para ver. "Ele tem se omitido nas questões nacionais e não adota comportamento de candidato", critica outro senador da legenda. O presidente nacional do PMDB, deputado Paes de Andrade (CE), também incentiva a candidatura Sarney, mas, prudente, bota fichas também na possibilidade Itamar Franco.

(César Felício)

do, dependerá da capacidade de aglutinar amplas áreas da opinião pública", afirmou.

Entre os que apoiam Fernando Henrique ou Lula, a reação a uma terceira via varia entre a expectativa e o medo. Na semana passada, o tema monopolizou as atenções em um almoço organiza-

do pelo vice-presidente Marco Maciel com as cúpulas do PSDB e do PFL. A conclusão foi que o núcleo da aliança que elegeu Fernando Henrique deve se preparar para a hipótese e desestimular tentativas de agregar apoios ao presidente a qualquer custo. No PT, a avaliação é que uma terceira candidatura poderá beneficiar Fernando Henrique. "A tendência é que os candidatos oposicionistas passem a se digladiar e esqueçam a existência do presidente. Ele faturaria com a divisão", afirma o líder petista no Senado, José Eduardo Dutra (SE).

Entre os pré-candidatos que

disputam hoje a possibilidade de vir a ser a terceira via Ciro Gomes é o que reúne mais condições de preocupar mesmo o presidente Fernando Henrique e seus aliados, já que seu perfil é o que mais se aproxima daquele apontado como ideal pelos analistas políticos. "Ciro é novo, não tem uma imagem pré-formada junto à opinião pública, defende o Real e soluções para a questão social", disse Cavallari, acrescentando, no entanto, que a preocupação excessiva que ele tem com a formação de uma frente ampla de esquerda que lhe dê suporte não é fator decisivo. "Não é pela frente que ele vai ou não conseguir. Vai depender de como a opinião pública vai reagir ao seu discurso", concluiu.

Principal cabo-eleitoral do ex-governador do Ceará, o cientista político Roberto Mangabeira Unger acredita que não será problema começar com partidos pequenos. "Temos primeiro que viabilizar juridicamente a candidatura, mesmo que filiando-se num partido pequeno como PSB ou PPS. Num segundo momento conseguiríamos o apoio do PDT e antes mesmo do primeiro turno, o do PT. Será o suficiente para não haver segundo turno", disse.

No almoço realizado no Palácio do Jaburu, Itamar Franco foi lembrado e apontado pelos governistas como uma dúvida. Tem a seu favor o fato de ter feito Fernando Henrique seu ministro e responsável, mesmo que involuntariamente, pelo que veio depois: o Plano Real e a eleição de Fernando Henrique. Na última pesquisa Ibope feita sobre sucessão presidencial, em julho deste ano, Itamar ocupava a quinta colocação com 7%, atrás do ex-prefeito Paulo Maluf, com 9%. Nos levantamentos anteriores, o ex-presidente chegou a ter posição melhor, ficando pouco atrás de outro ex-presidente, senador José Sarney (PMDB-AP). Segundo o Ibope, Itamar vem caindo porque as pessoas não vêm nele "um líder".

Sarney já se declarou disposto a voltar ao Palácio do Planalto, mas são poucos que apostam que ele esteja falando sério. Desde que começaram as pesquisas de intenção de voto, ele vem sendo "a terceira via", ocupando sempre a terceira posição atrás de Lula, com média de 12%. O eterno candidato do PT, por sua vez, vem cristalizando uma média em torno de 20% do eleitorado. A pole position é, por enquanto, Fernando Henrique, com cerca de 34%.

A movimentação de governadores e prefeitos se dará em fun-

ção dos interesses regionais. Aqueles que defendem jogar os dados e ver no que dá, lembram que a história do País já registra fato semelhante: o ex-

presidente Fernando Collor de Mello se filiou ao PRN quando este tinha uma meia dúzia de deputados e olhado com desdém pelas grandes legendas. Fernando, o Henrique, saiu-se com uma base melhor, mas começou nas pesquisas com cerca de 5%. "Mais do que o poder, o que atrai é a expectativa do poder", justificou uma vez o deputado federal Wagner Rossi (PMDB-SP), discorrendo sobre a tendência natural dos políticos de se moverem rumo ao candidato com mais chances de vitória, muitas vezes abandonando barcos sólidos. Seja ele quem for.

O PMDB não acha espaço na aliança PFL-PSDB e o PSB e PPS não querem ficar eternamente a reboque do PT